

“POLITIZAÇÃO DA ARTE”: CHICO CÉSAR A PARTIR DE WALTER BENJAMIN

Barbara Smolniakof

RESUMO

Este texto resgata a noção benjaminiana de “valor de exposição” da obra de arte para abordar a possibilidade da politização da estética a partir do fenômeno da música, mais especificamente a música popular brasileira representada pelo compositor Chico César. Para tanto, a relação entre política e arte será apresentada como via de conscientização política mediante a expressão artística da música. Num primeiro momento, serão apresentados leitura e comentário dos textos de Benjamin onde ele discute o caráter politizante da arte possibilitado pela troca de valor de culto para valor de exposição a partir da reprodutibilidade técnica da obra de arte. Em seguida, a mudança do caráter da arte será exemplificada com expressões artísticas da música brasileira demonstrando a possibilidade de conscientização política, além de protesto, por meio da arte.

Palavras-chave: Valor de exposição. Música. Política. Chico César. Cultura.

“POLITIZATION OF ART”: CHICO CÉSAR FROM WALTER BENJAMIN

ABSTRACT

This text rescues Benjamin's notion of “exhibition value” from art to address the possibility of the politicization of aesthetics from the phenomenon of music, more specifically the Brazilian popular music represented by the composer Chico César. Therefore, the relationship between politics and art will be presented as a way of raising political awareness through the artistic expression of music. At first, the reading and commentary of Benjamin's texts will be presented, where he discusses the politicizing character of art made possible by the exchange of cult value for exhibition value based on technical reproducibility of artwork. Then, the change in the character of art will be exemplified with artistic expressions of Brazilian music demonstrating the possibility of political awareness, in addition to protest, through art.

Keywords: *Exposition value. Music. Politics. Chico César. Culture.*

“Não me peça para silenciar, não me peça pra morrer calado. Não sou seu entretenimento, sou o fio da espada da história feito música no pescoço dos fascistas. E dos neutros. Não conte comigo para niná-lo. Não vim botar você pra dormir, aqui estou para acordar os dormentes”.
(Chico César)

Introdução

É certo que Walter Benjamin (1892-1940) problematizou as artes do cinema e fotografia com o início da sua reprodução técnica, uma vez que a partir delas a arte perdeu a sua aura para a reprodução e consumo em massa. Por mais que ele tenha enfatizado essas duas expressões artísticas, é possível vislumbrar esse mesmo movimento de perda na instância da música e, com tal perda, uma mudança na própria função que a música cumpre no mundo. Segundo Walter Benjamin, a reprodutibilidade técnica da obra de arte fez com que ela deixasse de ter um valor de culto à imagem que a obra retrata para ter no lugar um valor de exposição e seguir a regra da oferta e demanda. Em outras palavras, com a reprodução cada vez mais acelerada de todas as obras de arte possibilitada inicialmente pelo surgimento da fotografia e do cinema, a arte como um todo se tornou um produto de consumo para a cultura de massa. Porém, Benjamin não aponta essa mudança de valor como algo de todo negativo. De fato, se a política e a estética estiverem juntas de maneira que a primeira submeta a segunda a fim de manipular o consumidor, então é um problema. Por outro lado, a estética pode usar da política como ferramenta de discursos e práticas para a conscientização política daquele que consome determinada arte. A estética, nesse sentido, pode ser um canal de politização do sujeito através da politização do caráter da própria arte.

Este artigo visa identificar esse processo de politização da arte numa expressão artística muito específica: a música. Mais específico ainda, mostraremos de que modo é possível perceber a noção benjaminiana de politização da arte nas letras de Chico César. Evidentemente, a relação ensaiada aqui exige contexto histórico tanto do compositor paraibano quanto do próprio autor alemão, o que demanda dois passos gerais: primeiro, contextualizar em que sentido Benjamin identifica os fenômenos de politização da arte e

estetização da política na reprodução técnica da obra de arte. Nesse momento, serão resgatados textos onde Benjamin aponta a reproduzibilidade técnica e a função social da arte como problemas filosóficos, a saber: *O autor como produtor* (1934) e *A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica* (1936). Segundo, identificar o fenômeno da politização da arte especificamente em músicas brasileiras elencadas do compositor Chico César como expressão de politização, através inclusive de um novo meio de comunicação: as redes sociais.

Com isso, defendemos que o problema da relação entre estética e política não era algo isolado do espaço e tempo de Benjamin, mas se faz presente ainda hoje, e de modo até mais forte, na medida em que ambas são expressões tanto individuais, mas sobretudo coletivas da ação humana, inclusive com mais meios de divulgação e reprodução. O fato de ser uma expressão artística que afeta o meio coletivo tem um caráter ético-político que está presente até na intenção do artista ao criar. Ou seja, não se trata apenas do modo como o público interpreta a obra, nem como esta é manipulada para ser vendida, mas há no fundo uma mensagem politizante na intenção criadora do artista.

1 Estetização da política e politização da arte

A partir do problema do estatuto do autor e da relação entre qualidade e tendência da obra especificamente escrita, advém nos textos benjaminianos a noção da arte como atitude de combate ao fascismo, na medida em que se reconhece que o escritor escreve em função da luta de classes. Ou seja, a pergunta central que norteia a discussão a respeito do lugar da arte dentro da política é: de que modo o autor se coloca no contexto social-político em que escreve? E uma vez que o autor percebe a arte como possibilidade de discussão e conscientização política, acaba sua autonomia ao escrever, isto é, ele deixa de escrever sobre o que quiser e passa a obedecer a uma tendência conforme a necessidade política do contexto em que ele se encontra. Ora, se muda a razão pela qual o autor escreve, muda também a qualidade de sua escrita, uma vez que obedecer a uma *tendência* altera a *forma* do que ele escreve. No entanto, a tendência de uma obra deve ser tão política quanto literária, para cumprir sua função adequadamente e ter sua qualidade garantida.

Graduada em Filosofia pela UNICENTRO e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da educação básica pela SED/SC. Brasileira residente em Jaraguá do Sul-SC, e-mail: barbarasmolnikof@gmail.com

Segundo Benjamin a obra de arte deve ser compreendida também do ponto de vista político na medida em que ela faz parte das relações de produção. Nesse sentido, ou o autor se encontra num patamar privilegiado da dinâmica capitalista e escreve para entretenimento ou reconhece a necessidade de enfatizar o lado da luta de classes na medida em que coloca sua obra ao lado do proletariado (cf. BENJAMIN, 1985, 120-121).

Ora, o reconhecimento da arte como parte da dinâmica capitalista se dá através do reconhecimento da mudança de seu valor. Em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, Benjamin apresenta uma abordagem filosófica sobre o caráter da arte enfatizando a mudança de seu estatuto conforme o avanço da reprodução técnica. Em primeiro lugar, a arte era feita com fim de culto. Toda e qualquer obra de arte, por ser única no espaço e no tempo, tinha uma aura e resguardava um elo com a tradição a partir da qual foi criada. Este elo permitia que a obra ganhasse significado somente a partir da tradição resguardada, o que garantia a ela um valor de culto – culto à imagem que representava, à tradição e ao contexto no qual foi criada. No entanto, com o surgimento e avanço de obras reproduzidas cada vez mais rapidamente, a obra de arte tem sua importância reconhecida pela tradição transformada em função do consumo. Nesse sentido, ela perde seu valor de culto, porque já não tem mais significado perante uma tradição, mas perante a compra e venda da obra de arte, e ganha um valor de exposição. Essa mudança se dá em função da reprodução técnica.

O conceito de técnica é abordado tanto n' *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* quanto em *O autor como produtor* e é definido como uma forma específica de produzir e reproduzir uma obra a partir de uma série repetitiva de movimentos ou materiais (cf. SMOLNIAKOF, 2020, 151-152). Se por um lado a reprodutibilidade técnica retira da obra o valor de culto, por outro ela possibilita problematizar outras esferas da vida além da própria estética e da tradição de uma cultura. Ela permite uma problematização da política na medida em que a reprodução técnica depende de uma demanda social e cumpre uma função política a depender do modo como ela é manipulada para exposição.

Isso significa dizer que a arte deixa de ter um caráter meramente de contemplação e “cultuação” e ganha mais possibilidades devido à exposição,

Graduada em Filosofia pela UNICENTRO e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da educação básica pela SED/SC. Brasileira residente em Jaraguá do Sul-SC, e-mail: barbarasmolniakof@gmail.com

uma delas é tornar-se um instrumento da política, e servir como propaganda por exemplo; outra é usar da política como meio de conscientização, usando de técnicas artísticas para apresentar ao público que a consome críticas sociais e políticas do contexto em que é criada. Em outras palavras, a arte não é mais criada para culto à imagem, mas para despertar uma consciência crítica a respeito da imagem que outrora poderia ser cultuada.

Em seus textos Benjamin identifica e menciona a reproduzibilidade técnica da arte a partir do cinema e da fotografia. No entanto, o fenômeno da reprodução técnica através de mídias sociais e veículos de comunicação se faz presente e contribui para a reprodução massiva de informações. Tais instrumentos, assim como a relação entre política e arte, podem ser usados de modo ambíguo: servem tanto para disseminar uma notícia falsa e causar medo generalizado, quanto para divulgar eventos e posicionamentos de artistas que têm um grande público e, com isso, incentivar a reflexão a respeito de determinados temas.

Ademais, a relação entre política e arte possível mediante essa transformação do caráter da obra, na medida em que é ambíguo, pode apresentar dois resultados diferentes a depender da relação estabelecida entre política e arte. Por um lado, e isso Benjamin já identifica em seus textos, enquanto instrumento da política, a arte pode servir como defesa de discursos que beneficiam um determinado grupo político através da manipulação da cultura. É o que Benjamin identifica como *estetização da política* nos movimentos fascista na Itália e nazista na Alemanha através da criação de propagandas pertinentes à política dos partidos, além da censura de literaturas e artes em geral, o que envolve também essa relação arte-política possibilitada pela reproduzibilidade técnica, uma vez que os meios de comunicação, como a TV e o cinema, estavam sob total controle do líder.

Por outro lado, a arte apresenta uma certa autonomia em relação à política, mesmo que num contexto de reprodução técnica, uma vez que ela não depende apenas desta técnica. Pois, na medida em que a arte é uma atividade humana, ela depende também da *criatividade e imaginação* do artista. Tal esfera mais humana da arte permite que ela se emancipe e consiga cumprir funções para além das que lhe foram determinadas, seja pela política seja pela tradição.

Trata-se, nesse sentido, do movimento contrário ao da estetização da política, Graduada em Filosofia pela UNICENTRO e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da educação básica pela SED/SC. Brasileira residente em Jaraguá do Sul-SC, e-mail: barbarasmolnioskof@gmail.com

chamado por Benjamin de *politização da arte*, isto é, quando a arte usa da política como meio de expressão artística mediante a criação de uma música, uma peça, uma obra de arte visual que expresse tanto a perspectiva do artista quanto a situação político-social e o modo como esta pode afetar a vida das pessoas. Ou seja, a arte continua sendo produto da cultura de massa, uma vez que já está inserida no contexto da reprodutibilidade técnica, mas ao invés de servir à política que parte do Estado, serve à conscientização política que demanda o público que a consome.

2 A música brasileira como politização da arte

Podemos citar como exemplo dessa conscientização política através da cultura a música popular brasileira. Desde sua história marcada pelas composições da época da ditadura de 64 até o contexto mais recente em que surgiu o fenômeno da pandemia, a música cumpre um papel social, político e emancipador do sujeito. Social por que descreve mediante poesia e melodia situações reais, política por que se identifica como movimento de resistência e ação que afeta o âmbito coletivo, emancipador porque visa esclarecer o ouvinte para os dois outros aspectos da função artística-política da música.

Poderíamos citar as composições brasileiras da década de 70 de Chico Buarque e Geraldo Vandré como exemplos claros e clássicos de movimento artístico de resistência e conscientização de uma situação política; mas para ficarmos num recorte mais recente da história e enfatizar a influência das mídias e redes sociais na atuação da arte, fiquemos com o exemplo de Chico César.

Compositor paraibano de Catolé, desde o início de sua carreira na música Chico César sempre fez questão de deixar claro sua postura crítica a respeito da sociedade. Músicas como “Mama África”, “Respeitem meus cabelos, brancos”, “Deus me Proteja” já indicam críticas sociais, sobretudo a respeito da discriminação racial, e políticas. No contexto pandêmico recente, suas criações mantiveram a mesma *vibe* crítica e impactante. Devido ao isolamento, *lives* substituíram *shows* ao vivo e um novo espaço foi conquistado para expressão artística: as redes sociais. Com perfis abertos ao público para apreciação de sua arte, Chico César compôs músicas relativas ao contexto da pandemia no Brasil

Graduada em Filosofia pela UNICENTRO e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da educação básica pela SED/SC. Brasileira residente em Jaraguá do Sul-SC, e-mail: barbarasmolniakof@gmail.com

e disponibilizou nas plataformas *YouTube* e *Instagram* e é aí que entra nossa relação com Benjamin. Ora, a arte pode cumprir uma função política de crítica e esclarecimento na medida em que fala a respeito da situação política mediante técnicas artísticas. Se num contexto, por exemplo, pandêmico, em que o líder de uma nação apresenta um comportamento negacionista em relação ao combate da proliferação do vírus e tratamento da doença, uma das funções da arte é apresentar com qualidade (envolvendo uma composição técnica contextualizada e inteligível a todo o público) um posicionamento crítico à situação por parte do artista para que quem aprecia sua arte tenha um esclarecimento a respeito do contexto político-social.

Segue abaixo dois exemplos de composições de Chico César que se identificam com a politização da estética proposta por Benjamin mais comentário onde associamos o movimento artístico do compositor ao conceito (ou atitude) filosófico de politização da arte:

Fui na Praia do Jacaré
Pra tomar vacina
Veio uma menina
Lá de Catolé
Ela disse conterrâneo
Como é que é
Venha cá me ensina
Será que eu vou virar homem
E tu vai virar mulher
Eu disse criatura
Não é esse o rolê
É só uma vacina
Não é LSD
A crocodilagem é da boa
E vamos tomar banho de mar em João Pessoa
(César, C. *Crocodilagem na Praia do Jacaré*. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=Hgy0aYLUX_0)

Com o surgimento do SARS-COV-2 e declaração pela Organização Mundial da Saúde do estado de pandemia em 2020¹, surge a necessidade de fornecimento de imunizantes pelo Estado. Devido à diversidade do vírus, levou tempo e gerou polêmica até que se iniciasse a campanha de vacinação em cada país. Também devido às mídias e circulação de informações, muitas notícias

¹ Cf. <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>
Graduada em Filosofia pela UNICENTRO e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da educação básica pela SED/SC. Brasileira residente em Jaraguá do Sul-SC, e-mail: barbarasmolnialkof@gmail.com

falsas foram criadas e disseminadas a seu respeito, o que dificultou a adesão do público ao movimento². A arte, como instrumento de expressão humana no geral e política no particular tem a função social de possibilitar um espaço para manifestação crítica a respeito da situação, sobretudo porque a disseminação das *Fake News* a respeito da COVID-19 influenciou no número de mortes, uma vez que as pessoas não se vacinavam por medo e acabavam contraindo a doença e morrendo³. Além de circular notícias falsas a respeito da segurança e eficácia do próprio imunizante, o Governo Federal demorou a comprar vacinas dos laboratórios que tinham imunizantes disponíveis para venda, o que acarretou mais mortes⁴. Tal contexto gerou polêmica e revolta, e Chico César, enquanto artista, manifestou seu posicionamento crítico a respeito mediante a arte.

A letra da música “Crocodilagem na praia do Jacaré” citada acima menciona justamente a postura do compositor a respeito das *fakes news* disseminadas sobre a vacinação, umas delas afirmava que as pessoas que se vacinassem “virariam jacaré”. Longe de ser um comentário que surgiu do nada, a associação entre a vacinação e a transformação em um réptil surgiu de um discurso do representante da república em uma entrevista, além de sugerir que poderia “nascer barba em mulher ou algum homem começar a falar fino”⁵. Nesse sentido, quando Chico César menciona na música que alguém pergunta a ele “será que eu vou virar homem e tu vai virar mulher?” e ele responde com ironia que a vacina “criatura, não é esse o role, é só uma vacina, não é LSD”, está se referindo ao contexto onde a possibilidade de transformar-se em outra coisa (como um jacaré) surgiu em um discurso político a respeito da vacina, além de indicar que tal discurso é absurdo.

Ademais, além da resistência à imunização e atraso na compra do imunizante, outras informações e afirmações também foram tema das músicas de Chico César. Uma delas foi a notícia de que a Cloroquina é um medicamento eficaz contra o vírus responsável pela COVID-19, o que foi identificado por

² Cf. <https://www.ufsm.br/midias/experimental/agencia-da-hora/2021/11/11/top-5-fake-news-mais-absurdas-sobre-a-vacina>

³ Cf. <https://ds.saudeindigena.iciet.fiocruz.br/handle/bvs/4767>

⁴ Cf. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/27/brasil-poderia-ter-sido-primeiro-do-mundo-a-vacinar-afirma-dimas-covas-a-cpi>

⁵ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>

Graduada em Filosofia pela UNICENTRO e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da educação básica pela SED/SC. Brasileira residente em Jaraguá do Sul-SC, e-mail: barbarasmolnialkof@gmail.com

especialistas em infectologia como mais uma *fake news*⁶. A fim de expressar-se a respeito tanto da resistência à vacinação quanto das afirmações sobre a Cloroquina, Chico César compôs a seguinte canção:

Eu vou tomar vacina
Quem não quiser que tome cloroquina
Não vou passar vergonha
Quem não quiser, que escute esse pamonha
Estou já de braço esticado
Com o muque amarrado
Pra tomar esse pico
Se o vírus me pega e me agarra
Cadê minha garra?
Como é que eu fico?
Não brinco o carnaval nem um tico
(César, C. Pico. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=i8cxixXwNrU>)

A postura do compositor é clara, na música ele declara que ele vai tomar a vacina, própria para imunizar contra o vírus, e quem não quiser que ouça aquele que defende a cloroquina, o mesmo que disse que a vacina transforma as pessoas em jacaré e que disse não ter vacina para compra quando questionado sobre a demora⁷. Além disso, o compositor manifestou-se a respeito do modo como as mortes foram banalizadas em muitos momentos da pandemia, inclusive por figuras públicas⁸. A banalização e falta de humanidade que ele percebeu quando se falava dos mortos pelo vírus levou-o a compor:

Andre Cavalcante era professor
amigo de todos e pai do Pedrinho.
O Bruno Campelo seguiu seu caminho
Tornou-se enfermeiro por puro amor.
Já Carlos Antônio, era cobrador
Estava ansioso pra se aposentar.
A Diva Thereza amava tocar
Seu belo piano de forma eloquente
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

⁶ Cf. <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/02/04/fiocruz-classifica-como-fake-news-eficacia-da-cloroquina-contr-a-covid-19.htm>

⁷ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/25/bolsonaro-acreditava-sinceramente-que-cloroquina-seria-eficaz-contr-a-covid-diz-vice-pgr.ghtml>

⁸ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>;

cf. também <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/05/chega-de-frescura-de-mimimi-frase-de-bolsonaro-repercute-na-imprensa-internacional.ghtml>

Graduada em Filosofia pela UNICENTRO e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da educação básica pela SED/SC. Brasileira residente em Jaraguá do Sul-SC, e-mail: barbarasmolniahof@gmail.com

Elaine Cristina, grande paratleta
fez três faculdades e ganhou medalhas
Felipe Pedrosa vencia as batalhas
Dirigindo Uber em busca da meta.
Gastão Dias Junior, pessoa discreta
na pediatria escolheu se doar
Horácia Coutinho e seu dom de cuidar
De cada amigo e de cada parente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Iramar Carneiro, herói da estrada
foi caminhoneiro, ajudou o Brasil.
Joana Maria, bisavó gentil. E Katia Cilene uma mãe dedicada.
Lenita Maria, era muito animada
baiana de escola de samba a sambar
Margarida Veras amava ensinar
era professora bondosa e presente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Norberto Eugênio era jogador
piloto, artista, multifuncional.
Olinda Menezes amava o natal.
Pasqual Stefano dentista, pintor
Curtia cinema, mais um sonhador
Que na pandemia parou de sonhar.
A vó da Camilly não vai lhe abraçar
com Quitéria Melo não foi diferente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Raimundo dos Santos, um homem guerreiro
O senhor dos rios, dos peixes também
Salvador José, baiano do bem
Bebia cerveja e era roqueiro.
Terezinha Maia sorria ligeiro
cuidava das plantas, cuidava do lar
Vanessa dos Santos era luz solar
mulher colorida e irreverente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Wilma Bassetti vó especial
pra netos e filhos fazia banquete.
Yvonne Martins fazia um sorvete
Das mangas tiradas do pé no quintal
Zulmira de Sousa, esposa leal
falava com Deus, vivia a rezar.
O X da questão talvez seja amar
por isso não seja tão indiferente
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

(CÉSAR, C. Os *Inumeráveis*. Disponível em;
<https://lyricstranslate.com/en/chico-c%C3%A9sar-inumer%C3%A1veis-lyrics.html>)

O fato de noticiar nos jornais e outros veículos de comunicação o *número* de mortes fez com que se perdesse a sensibilidade do fato, eram números que iam aumentando dia após dia, sem significado. Uma coisa é ver um número, que quantifica um evento, outra coisa é ver um *nome*, uma identidade perdida. É o resgate dessa sensibilidade humana que Chico Cesar visa ao compor “Os inumeráveis”. Inumeráveis justamente porque a dor da perda de uma mãe, de um pai, de um irmão para um vírus, causado pela negligência e indiferença daqueles que deveriam se importar com o povo, não é mensurável, não é quantificável, não pode ser expresso a não ser mostrando *o que, quem* foi perdido. Por isso, Chico César diz na música: “Se números frios não tocam a gente, espero que nomes consigam tocar”.

Por mais que haja espaço e possibilidade de expressão na arte para conscientização política do público através do ato de cantar o que acontece, há de fato uma resistência a esse movimento. Há quem não perceba por exemplo que a arte também cumpre uma função política na medida em que usa de técnicas artísticas para problematizar e confrontar o contexto social e político do qual o próprio artista e o público fazem parte. Por mais que o que aconteça afete a vida deles de alguma forma, ainda há resistência ao esclarecimento e ao desenvolvimento de uma visão crítica.

Evidência disso foi um comentário em uma das postagens nas redes sociais de Chico César, onde uma seguidora e suposta fã pediu músicas sem “cunho político-ideológico”. É digno de nota que a identificação da arte como expressão política ou meio para expressão politizante não é óbvia justamente porque se conserva ainda um pouco da noção de arte como contemplação ou expressão do belo. A questão é: tanto a arte quanto a política são atividades humanas. Ambas são espaços que possibilitam a expressão humana, sobretudo a coletiva, pois ambas envolvem a relação entre sujeitos: o sujeito que faz a arte e o sujeito que a recebe de um lado e o sujeito que faz política e o que é afetado por ela de outro.

Na medida em que a música de Chico César já cumpre uma função político-social ao provocar e manifestar-se a respeito do contexto em que o compositor está inserido, nota-se que ele tem a consciência de que a arte é

também uma expressão política. Tanto é assim que ele não se furta a responder ao pedido da fã:

Por favor, todas as minhas canções são de cunho político-ideológico! Não me peça um absurdo desse, não me peça para silenciar, não me peça para morrer calado. Não é por 'eles'. É por mim, meu espírito pede isso. Respeite ou saia. Não veja, não escute. Não tente controlar o vento. Não pense que a fúria da luta contra as opressões pode ser controlada. Eu sou parte dessa fúria. *Não sou seu entretenimento*, sou o fio da espada da história feito música no pescoço dos fascistas. E dos neutros. Não conte comigo para niná-lo. Não vim botar você para dormir, aqui estou para acordar os dormentes (CÉSAR, 2021).

Cabe ressaltar novamente, pois é esse o ponto central deste trabalho, que política como instrumento da arte, como aquilo que serve de subsídio para a criação artística e a consequente conscientização dos que consomem esta arte, é possível na medida em que o artista já tem uma consciência política e percebe o poder que tem a sua arte. Além disso, no comentário de Chico César é notável mais um aspecto que possibilita ainda mais relacioná-lo ao pensamento benjaminiano a respeito da arte: “Não pense que a fúria da luta contra as opressões pode ser controlada. Eu sou parte dessa fúria. *Não sou seu entretenimento*, sou o fio da espada da história feito música no pescoço dos fascistas”. Este trecho específico da resposta indica o compromisso político que Chico César assume enquanto músico, algo semelhante ao que está presente em *O autor como produtor*, onde Benjamin afirma que o escritor perde sua autonomia de criação quando sua obra entra na relação de produção da cultura de massa. O que, cabe lembrar, não é de todo negativo, uma vez que o autor está recondicionando o caráter da sua obra de arte, levando-a a cumprir outro papel que não o de culto.

No texto de Benjamin ele menciona duas funções que a obra pode ter dentro de um contexto político a depender da *consciência do autor*: ou ele é entretenimento para os burgueses, ou ele é um combate à desigualdade de classes e a movimentos fascistas. E é exatamente com essa última função que Chico César identifica seu trabalho: “sou o fio da espada da história feito música no pescoço dos fascistas”. Ele sabe de seu papel como artista dentro de uma sociedade onde há relações de poder e tem consciência da importância da arte para combater tais relações de modo a ficar do lado daqueles que precisam de

ajuda: os esquecidos, os discriminados, os inumeráveis. Com isso, mesmo que inconscientemente, ele sabe que sua função como autor é abrir mão de sua autonomia para compor: ele poderia mantê-la e compor sobre qualquer coisa, mas na medida em que ele abraça a causa do combate à desigualdade, enquanto compositor, ele sabe que tem um compromisso com a sociedade, por isso ele afirma: “Todas as minhas canções são de cunho político-ideológico!”.

CONCLUSÃO

É notável a intenção de Chico César com suas músicas, mesmo com algumas indiretas às vezes (como em “respeite meus cabelos, brancos”) a função política que ele faz sua arte cumprir é uma representação viva do que Benjamin havia sugerido no final de *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Por mais que a arte como um todo tenha perdido sua aura, que remetia a uma tradição que a conservava a partir de uma reprodução manual e controlada, ela ainda conserva, e sempre conservará, uma função. Afinal, os seres humanos fazem arte por alguma razão, é esta que possibilita a própria criação; seja política ou meramente contemplativa, a arte possui uma função e confere um sentido à vida a partir dessa função que lhe é dada.

Neste artigo fizemos uma aproximação entre as composições de Chico César e a filosofia de Walter Benjamin a fim de constatar que por mais distante que seja o pensamento, pelo fato de ele ter refletido e problematizado atividades que ainda são feitas, é possível resgatar seu pensamento para aplicá-lo ou usá-lo como norte para refletir sobre o presente. O principal ponto foi salientar a função política que a arte como um todo, e a música de maneira mais específica, pode e deve cumprir na sociedade na medida em que é acessível a um público e retrata a realidade desse mesmo público. Desse modo, a arte, além de expressão de sensibilidade e individualidade, é expressão também de coletividade e tentativa de despertar este senso de coletividade no público que ela atinge de alguma forma.

As composições de Chico César são profundamente benjaminianas na medida em que ele reconhece a função política que sua arte cumpre, na medida em que ele usa de sua arte para evidenciar o contexto social e despertar em seu

Graduada em Filosofia pela UNICENTRO e mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da educação básica pela SED/SC. Brasileira residente em Jaraguá do Sul-SC, e-mail: barbarasmolnioskof@gmail.com

ouvinte sentimentos e a consciência a respeito da sua realidade. Os temas de suas músicas são o cotidiano, a vida pública, a história, aquilo que toca e acontece ao redor, grosso modo, o mundo. Nesse sentido, a música não tem somente a função de retratar a realidade, mas fazer com que os indivíduos se sensibilizem com ela através daquilo que a arte como um todo faz: afetar.

REFERÊNCIAS

ALVEZ, F. M. A Perda da aura e a politização da arte em Walter Benjamin.

Arte & Ensaios, UFRJ, n. 33, julho 2017, p.113-121.

BENJAMIN, W. A obra de Arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In*__:

Obras escolhidas Vol. I, 3ª edição – Editora Brasiliense, 1985, p. 165-196.

BENJAMIN, W. Pequena História da Fotografia. *In*__: **Obras escolhidas**. Vol.

I, 3ª edição – Editora Brasiliense, 1985, p. 91-107.

BENJAMIN, W. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**: escritos escolhidos. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

BENJAMIN, W. O autor como produtor. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934. *In*__: **Obras escolhidas**. Vol. I, 3ª edição – Editora Brasiliense, 1985, p. 120-135.

CÉSAR, C. **Biografia**. Disponível em:

http://conteudopublicacoes.com.br/natura2/assets/chicocesar_release.pdf

acesso em 05/fev./2023.

‘CHEGA DE FRESCURA, DE MIMIMI’: FRASE DE BOLSONARO

REPERCUTE NA IMPRENSA INTERNACIONAL. G1. Política, 05/03/2022.

Disponível em: [https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/05/chega-de-](https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/05/chega-de-frescura-de-mimimi-frase-de-bolsonaro-repercute-na-imprensa-internacional.ghtml)

[frescura-de-mimimi-frase-de-bolsonaro-repercute-na-imprensa-](https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/05/chega-de-frescura-de-mimimi-frase-de-bolsonaro-repercute-na-imprensa-internacional.ghtml)

[internacional.ghtml](https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/05/chega-de-frescura-de-mimimi-frase-de-bolsonaro-repercute-na-imprensa-internacional.ghtml) acesso em: 05/fev./2023.

FALCÃO, M; VIVAS, F. Bolsonaro ‘acreditava sinceramente’ que cloroquina

seria eficaz contra a covid, diz vice-PGR. G1. Política. 25/07/2022. Disponível

em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/25/bolsonaro-acreditava->

Graduada em Filosofia pela UNICENTRO e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da educação básica pela SED/SC. Brasileira residente em Jaraguá do Sul-SC, e-mail: barbarasmolnikof@gmail.com

[sinceramente-que-cloroquina-seria-eficaz-contra-a-covid-diz-vice-pgr.ghtml](#)

acesso em: 07/fev./2023.

GOMES, P. H. 'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus. G1. Política. Brasília, 2022. Disponível em:

[https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-](https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml)

[bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml](#) acesso em:

05/fev./2023.

NOTÍCIAS FALSAS SOBRE VACINA DEIXARAM INDÍGENAS COM MEDO DE VIRAR JACARÉ, MUDAR DE SEXO E ATÉ DE MORRER, MOSTRA DOCUMENTO DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. 2021. Disponível em:

https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/bitstream/bvs/4767/1/CP11_23621%20Not%C3%ADcias%20falsas%20sobre%20vacina%20deixaram%20ind%C3%AAdgenas%20com%20medo%20de%20virar%20jacar%C3%A9%2C%20mudar%20de%20sexo%20e%20at%C3%A9%20de%20morrer%2C%20mostra%20documento%20do%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde.pdf acesso em:

07/fev./2023.

OBSERVATÓRIO DOS DIREITOS E POLÍTICAS INDÍGENAS. JORNALISTAS LIVRES: **Um memorial para os inumeráveis: se números frios não tocam a gente, que histórias de vida possam tocar.** 2021. Disponível em:

<http://obind.eco.br/2021/03/25/jornalistas-livres-um-memorial-para-os-inumeraveis-se-numeros-frios-nao-tocam-a-gente-que-historias-de-vida-possam-tocar/>. Acesso em: 22/dez./2022.

SÁ, C. 'Não tinha pra vender': Bolsonaro mente sobre atraso em compra de vacina. UOL. São Paulo, 2022. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/07/22/nao-tinha-para-vender-bolsonaro-mente-sobre-atraso-em-compra-de-vacina.htm> acesso em

07/fev./2023.

SENADO. Brasil poderia ter sido primeiro do mundo a vacinar, afirma Dimas Covas à CPI. Senado Notícias. Brasília, 2021. Disponível em:

[Graduada em Filosofia pela UNICENTRO e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da educação básica pela SED/SC. Brasileira residente em Jaraguá do Sul-SC, e-mail: \[barbarasmolnikof@gmail.com\]\(mailto:barbarasmolnikof@gmail.com\)](https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/27/brasil-poderia-ter-</p></div><div data-bbox=)

[sido-primeiro-do-mundo-a-vacinar-afirma-dimas-covas-a-cpi](#) acesso em:
06/fev./2023.

SMOLNIAKOF, B. Valor de culto *versus* valor de exposição: a Arte em Walter Benjamin. **Revista Lampejo**, v.9, n.2, 2020, p.148-158.

TMDQA. “**Não me peça pra morrer calado**”: **Chico César dá aula de política em música**. Chicago, 2021. Disponível em:

<https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2021/01/05/chico-cesar-aula-politica-musica/> Acesso em: 22/dez./2023.

TOP 5 *FAKE NEWS* MAIS ABSURDAS SOBRE A VACINA (UFSM). 2021.

Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/experimental/agencia-da-hora/2021/11/11/top-5-fake-news-mais-absurdas-sobre-a-vacina> acesso em:
06/fev./2023.